

ECONOMIA

Perto da PIOR HIPÓTESE

Brasil pode ter juros ainda mais altos e PIB crescendo apenas 2,5%

Iano Andrade/CB/D.A Press - 18/4/06

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar do quase consenso do mercado e da forte pressão dentro do governo para que o Banco Central pare de aumentar os juros na reunião dos próximos 28 e 29 de outubro do Comitê de Política Monetária (Copom), o economista-chefe do Banco Santander, Alexandre Schwartsman, não só afirma que a taxa básica (Selic) continuará subindo neste ano como permanecerá em alta em 2009, até atingir 15,75% ao ano. Levando-se em consideração que os juros estão hoje em 13,75%, se estiver correta a previsão de Schwarzman, que foi diretor de Assuntos Internacionais do BC e é um dos economistas de mercado mais próximos do presidente do BC, Henrique Meirelles, a Selic dará um salto de mais dois pontos percentuais.

A justificativa para essa previsão é a disparada das cotações do dólar (mais de 40% desde o início de agosto) por causa da crise financeira mundial, o que, na visão do economista, tende a contaminar todos os índices de preços do país. "Inflação mais elevada requer banco central mais austero", afirmou em texto enviado no fim de semana a clientes do Santander.



SCHWARTSMAN, DO SANTANDER: JUROS DEVEM ATINGIR 15,75% AO ANO POR CAUSA DA DISPARADA DO DÓLAR

"Isso (a previsão de novas elevações nos juros) vai contra o consenso (do mercado), que mantém o argumento de que a desaceleração econômica será suficiente para anular as demais pressões inflacionárias, o que permitiria a redução do ciclo do aperto monetário inicialmente pretendido", acrescentou, ressaltando que vê

cotação de R\$ 2 para o fim deste ano e de R\$ 2,10 em 2009.

Segundo Schwartsman, além de reafirmar sua projeção de que a Selic terá mais dois aumentos de 0,5 ponto percentual nas reuniões de outubro e de dezembro do Copom, encerrando 2008 em 14,75%, os juros caminharão até 15,75% no ano que vem, projeção

não vista no mercado nem nos piores momentos da inflação até agosto, quando a maioria dos especialistas via a possibilidade de o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) estourar o teto da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 6,5%. A estimativa máxima era de Selic de 15,25%.